



CAVALCANTI, Ariane da Mota. Jéssica Caitano e cordel no Pajeú: mulheres rurais e “outra” colheita do trabalho. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 216-223. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.216223>

## JÉSSICA CAITANO E CORDEL NO PAJEÚ: MULHERES RURAIS E “OUTRA” COLHEITA DO TRABALHO

### JÉSSICA CAITANO AND CORDEL IN PAJEÚ: RURAL WOMEN AND "ANOTHER" HARVEST OF WORK

Ariane da Mota Cavalcanti<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

**RESUMO:** O presente artigo tem como *corpus* o cordel de Jéssica Caitano, artista contemporânea e multifacetada do Sertão do Pajeú, intitulado “E a vida do sertanejo combina com poesia”. A proposta consiste em apontar um caminho interpretativo possível para os diversos sentidos talhados pela autora ao longo de seu cantar na composição publicada pelo selo “Caretas Cartonera”, originário de Triunfo, Pernambuco- Brasil, cidade onde Caitano nasceu. Discute-se o cordel selecionado em interface com o debate sociológico sobre a questão do trabalho e do uso do tempo cotidiano da mulher rural, dialogando-se com Moraes (MORAES Et. Al., 2020). Com tal desenho, este trabalho procura apresentar o projeto poético da artista como ligado à valorização da tradição popular regional e de seus principais ritos de cantoria, bem como, conectado a motes muito atentos às questões contemporâneas que rondam as representações das mulheres rurais e suas condições de vida interligadas, muitas vezes, a um trabalho doméstico não remunerado e subalternizado na conjuntura geográfica do Sertão do Pajeú.

**Palavras-chave:** Jéssica Caitano; cordel; mulheres da Zona Rural; trabalho; Sertão do Pajeú.

**ABSTRACT:** The corpus of this article is the cordel by Jéssica Caitano, a contemporary and multifaceted artist from the Sertão do Pajeú, entitled "E a vida do sertanejo combina com poesia" (And the life of the sertanejo goes with poetry). The proposal is to point out a possible interpretative path for the various meanings carved out by the author throughout her singing in the composition published by the "Caretas Cartonera" label, originating in Triunfo, Pernambuco-Brazil, the city where Caitano was born. The selected cordel is discussed in interface with the sociological debate on the issue of work and the use of rural women's daily time, in dialogue with Moraes (MORAES Et. Al., 2020). With this design, this work seeks to present the artist's poetic project as linked to the valorization of regional popular tradition and its main

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria da Literatura pela UFPE em abril de 2022. Professora adjunta nas áreas de Literaturas de Língua portuguesa e Teoria literária do curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE – UAST), mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), graduada em Letras pela UFPE.

singing rites, as well as connected to mottos that are very attentive to the contemporary issues that surround the representations of rural women and their living conditions, often linked to unpaid and subordinate domestic work in the geographical context of the Sertão do Pajeú.

**Keywords:** Jéssica Caitano; cordel; rural women; work; Sertão do Pajeú.

## Introdução

Este artigo propõe uma breve análise de um dos cordéis dispostos na mais recente obra publicada por Jéssica Caitano, artista contemporânea pernambucana do município de Triunfo. Esta composição da autora é formada por dois poemas de cordel, tendo sido lançada em agosto de 2023, no encerramento do evento “Jornadas Internacionais de Literatura de Cordel e Xilogravura (II)”, realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST). A publicação da cordelista, apresentada no referido congresso, a propósito, em fala proferida pela autora do presente artigo, se trata de uma produção do selo “Caretas Cartonera”, projeto local que tem como missão divulgar os artistas da Região. Os dois cordéis, então lançados, são respectivamente intitulados: 1) “E a vida do sertanejo combina com poesia” e 2) “Triunfo é no Pajeú a flor do alto Sertão”, de modo que a proposta interpretativa aqui levada à diante consiste em visitar apenas o primeiro texto da autora, repentista hábil no pandeiro, cuja carreira está em promissora ascensão no estado de Pernambuco, no Brasil e no mundo<sup>2</sup>.

A leitura que, particularmente, aqui se deseja realizar em torno de “E a vida do sertanejo combina com poesia” focaliza a representação da mulher rural e sua relação com o trabalho; temática que merece atenção crítica no texto por envolver um tratamento peculiar da condição feminina como cidadã que labora horas a fio, o que, em tempos contemporâneos, demanda maior discussão e debate com fim de se ampliar a visão que se propaga pela cultura hegemônica patriarcal nordestina das mulheres da Zona Rural.

Tal tônica presente no cordel de Caitano faz sua poesia popular se afastar e, mesmo, questionar a maioria das representações das mulheres sertanejas nos folhetos, as quais, como destaca Clarissa Loureiro (2010), figuram massivamente nos versos e cantorias repletas de estereótipos ligados ao universo católico, principalmente no que se refere à produção gerada ao longo do século XX. A tradição da literatura em folhetos do período, como mostra a citada pesquisadora, bordou, durante décadas, mulheres que ora se

---

<sup>2</sup> Para conhecer o atual percurso da carreira artística desbravada pela autora, sugere-se a leitura de Bezerra (2022) “Jéssica Caitano: arte e resistência na poesia pajeuzeira”. Segue trecho: “É nos movimentos culturais e sociais do oásis pernambucano, Triunfo (Sertão do Alto Pajeú), que vamos encontrar Jéssica Caitano: mulher, preta-indígena (ou ‘cabocla’, como diz), lésbica, gorda e periférica. É um dos nomes mais promissores no cenário do rap nacional atualmente. Cantora, compositora, rapper, coquista, educadora, poeta que escreve desde a infância e que não se vê no quadro de nenhum enquadre. Participa de coletivos que impulsionam a produção cultural da região, do grupo que mantém a tradição das chamadas ‘Cambindas de Triunfo’, de grupos musicais como ‘A Cristaleira’ e ‘Radiola Serra Alta’, que trazem na sua composição visual e musical algumas tradições da cidade. Já participou de diversos festivais no país e até já foi para a Inglaterra (Glastonbury Festival – 2016). Fez residência artística no *Red Bull Music Pulso* em 2018 como convidada e voltou em 2019 como curadora. No mesmo ano, foi indicada ao WME Awards na categoria ‘Escuta as mina’, do Spotify.” (BEZERRA, 2022, p. 1).

assemelhavam à figura santa da Virgem Maria, ora se comparavam a sujeitos “demonizados” e destruidores de virtudes atribuídas a homens, tal qual Eva, na Bíblia. Construindo outra rota para os caminhos femininos no cordel, a obra de Caitano demanda análise e destaque entre os estudos da poesia popular contemporânea, sobretudo, porque seus sentidos podem alargar as percepções dos leitores (ISER, 1996) em face daquilo que estes entendem como sociedade, além de poderem desconstruir privilégios cedidos ao tipo de trabalho desempenhado comumente por homens (fora do ambiente doméstico), passando, em contrapartida, a valorizar o papel feminino rural na rotina diária das tarefas dentro da casa, da lavoura e do curral.

A proposta interpretativa então descrita, é preciso salientar, não se atreve a tentar esgotar os variados “passos de dança” nessa “pista” que é verso ritmado da cordelista pernambucana; inversamente, aqui se apresenta uma tentativa, entre tantas outras que seriam possíveis, de adentrar no cordel de Caitano, e de evidenciar seus encantos estéticos e percepções ideológicas justamente para convidar o público, entidade plural, a dançar de múltiplas formas o seu ritmo poético polissêmico, capaz de fazer os leitores e leitoras “voarem” pelo salão estrelado de sua arte popular, arte integrada a suas vivências pelo Sertão de Pernambuco e suas ricas tradições propagadas também por mulheres e seus modos específicos de laborar.

Também, por ser resultado de um projeto nascido no Sertão do Pajeú, berço significativo da poesia popular, o selo “Caretas Cartonera” aqui merece ser apresentado com destaque. Segue, portanto, a sua definição contida na obra analisada da artista:

O Selo Caretas Cartonera é um projeto do LABORATÓRIO DE TRADIÇÕES LITERÁRIAS E POÉTICAS DO PAJEÚ, do Espaço Cultural Fábrica de Criação Popular José Manoel Sobrinho. A identidade visual do Selo traz as referências da ‘tabuleta’, elemento utilizado na composição da indumentária do Careta de Triunfo. Nesse sentido, tais ativações das publicações se desdobrarão em potencializar, registrar, documentar as escritas e narrativas poéticas numa perspectiva de ampliação, circulação e democratização da produção literária nos territórios do Sertão do Pajeú. O principal objetivo do Selo Caretas Cartonera é potencializar estudos, pesquisas e o desdobramento de publicações independentes das obras de autoras/es da literatura pajeuzeira, com um recorte especial e um aprofundamento imersivo de textos que enfatizem a Literatura, a Memória e a Tradição Oral produzida no Sertão do Pajeú (CAETANO, 2023, p. 2).

Como fica notável, o selo tem a missão de propagar a tradição popular do Pajeú, e, em se tratando de poesia e cantoria, que se saliente: a escrita de Jéssica Caitano no texto aqui em análise, propagado pela editora local, reforça particularmente as formas de uma autoria feminina se colocar como ponte para um duplo movimento que: a) encontra as mulheres da zona Rural e b) questiona a comum desvalorização do trabalho feminino nesse contexto sertanejo.

No cordel aqui interpretado, a voz lírica de Caitano, como se pretende demonstrar, é ponte para que a mulher habitante da Zona rural protagonize um espaço estético e ideologicamente representativo de força, resistência, de emblema de trabalho árduo e importante para a vida na comunidade local, assim como de deleite também, por viver a rotina simples do campo, mas que possui uma simplicidade dotada de encantos

e poesia. A partir da próxima seção deste trabalho, portanto, parte-se para a visita interpretativa ao cordel de Caitano.

### 1. “E a vida do sertanejo combina com poesia”: valorização do trabalho da mulher rural

O primeiro aspecto que salta à vista neste folheto recortado para estudo é que o eu-lírico é feminino, é rural e partilha sua vida, à medida em que passa o poema a contar sua rotina cotidiana desde o início do dia pela manhã. Esta vida diária se revela, ao longo dos versos, profundamente preenchida com variadas tarefas de trabalho de ordem doméstica, de cuidado com a saúde facilitado pelas ervas da lavoura e de cuidados com os animais do curral. Estes bichos culturalmente integram a economia familiar na Zona rural sertaneja, contribuindo para a extração de mantimentos e de demais formas de sustento. Em outras palavras, a vida do “eu” aparente neste cordel é feminina e se relaciona com as peculiaridades de seu trabalho no campo.

A voz lírica inicia seu cantar reconhecendo a “dureza” (CAITANO, 2023) da existência nesse dia-dia, que começa já “muito cedo” (CAITANO, 2023), mas também aparece em cena se deleitando com seu modo próprio de estar no mundo da maneira peculiar como vive em meio à simplicidade do campo. Cita-se Caitano:

Já de manhã muito cedo  
Celebro essa vida dura  
Aqueço um café bem preto  
Adoço com rapadura  
A bolacha é sete capa  
E a goma que eu como é pura.

Asso a banana madura  
Aquele sem carborete  
Encosto no pé do pote  
A mesa e o tamborete  
E satisfeita degusto  
Meu saboroso banquete. (CAITANO, 2023 p. 1)

Em meio à presença valorizada da alimentação matinal e regional do sertanejo – “café”, “rapadura”, “bolacha sete capa”, “goma”, “banana madura” –, os versos, repletos da oralidade popular e da musicalidade própria do cordel (ABREU, 1999), ressoam marcados por verbos na primeira pessoa a sugerirem em evidência o trabalho na cozinha do eu feminino que canta: “Aqueço”, “adoço”, “asso”, “encosto”. Vê-se que são ações vivenciadas em ambiente doméstico e encadeadas sintaticamente em sequência, denotando-se a ideia de repetição de tarefas, as quais, embora numerosas, representam um só ato: o preparar do café da manhã. O poema conduz o público a pensar sobre o quanto de ações são necessárias para se “botar a mesa” para a primeira refeição do dia. O detalhe é que a mesa é incumbência da mulher que canta os versos. Dito de outra forma: tais tarefas, remarca-se, aparecem executadas no texto não por um homem, não com a colaboração ativa de outros familiares, mas unicamente por uma mulher que, sozinha e “satisfeita”, “degusta” e goza de seu trabalho culinário, de sua rotina alimentar ao nascer do sol. Ela, nitidamente, celebra sua vida e enxerga

sua refeição como “banquete”, valorizando tanto sua potência no serviço doméstico, quanto os “quitutes” regionais da tradição sertaneja da qual faz parte.

O texto de Caitano segue seu ritmo e, mais adiante, demonstra que o trabalho feminino se estende da cozinha, do interior da casa, ao curral. Sendo assim, revela que a mulher do Pajeú é incumbida de múltiplas tarefas ao longo do dia. Cita-se novamente o cordel em análise:

A cuscuzeira é quebrada  
Só tem de um lado uma azeia  
Mas faz pão de milho testado  
O bagaço vai para as ovelhas  
Cuscuz com leite no mato  
É muito melhor que ceia.

[...]  
Tirei a palma do gado  
Salguei no meio do terreiro  
Depois alimpei o cocho  
Bati, botei no aceiro  
Que os bichos de lá de casa  
Se alimentam o dia inteiro. (CAITANO, 2023 p. 4-6)

Novamente, se destaca nos excertos que os verbos que assinalam a condição ininterrupta de trabalho feminino que continuam a ritmar os versos abrilhantados através do falar popular. São eles, de novo, postos encadeadamente: “tirei”, “salguei”, “alimpei”, “bati”, “botei”. Nas duas estrofes, sobressai-se também que a condição de classe do eu-lírico está associada a uma vida humilde e simples; vê-se, por exemplo, pelo espaço descrito de uma cozinha com utensílios quebrados e sem requintes de luxo: “cuscuzeira<sup>3</sup> quebrada”. Contudo, em meio a uma cozinha humilde, nota-se o retratar de um tipo de sabedoria empregada pelas mulheres rurais em termos de economia doméstica, uma vez que os bichos que ajudam no sustento das comunidades do campo são alimentados com reaproveitamento das refeições cozinhadas para a pessoas da casa. Neste aspecto particular, sublinha-se que é o eu-lírico feminino o encarregado no texto de cuidar, não só da cozinha, mas também dos bichos, o que se torna mais uma modalidade de trabalho para ser executado e mais tempo de serviço em prol do bem-estar da “vida do sertanejo”.

A partir do que foi até aqui comentado, já se pode abrir, em torno do cordel da artista, a discussão sobre o tipo de trabalho executado pelas mulheres da Zona rural. A obra *A arte de tecer o tempo: perspectivas feministas*, organizada por Hildete Melo e Lorena Moraes (2020), traz um artigo oportuno para fomentar o debate: “Metodologias, trabalho e uso do tempo: compreendendo a rotina de mulheres rurais”. Neste capítulo em especial, Moraes (Et. Al., 2020) aponta a sobrecarga de trabalho árduo, porém não valorizado socialmente como trabalho produtivo, no tempo diário dessas mulheres. A socióloga destaca que, na divisão sexual de trabalho, sobressai-se, na verdade, uma desvalorização do trabalho doméstico imputado ao sujeito

---

<sup>3</sup> Espécie de panela própria para o preparo do cuscuz típico do Sertão pernambucano, à base de flocos de milho. Costuma ser servido ao café da manhã ou ao jantar com leite, além de outras formas de composição.

feminino, em razão de este não ser remunerado. Contudo, a autora afirma que a hierarquia, contrariamente ao que acontece na realidade social, deveria ser inversa: o trabalho doméstico é o tipo de atividade que, enfim, cria mecanismos para sustentar a família e a comunidade em ampla escala, uma vez que é, de fato, esta atividade na esfera do lar que acaba permitindo a modalidade de trabalho fora da casa, isto é, aquela tão valorizada socialmente por se tratar de uma atividade remunerada. A questão é que este tipo de trabalho visto como produtivo e rentável acaba sendo o tipo de tarefa imputada aos homens e, portanto, apenas o trabalho masculino “na esfera pública” vem a ser verdadeiramente percebido, sob essa lógica, como valioso.

Dentro desse quadro, o trabalho doméstico feminino rural (cuidar da casa e dos filhos) se acumula ao trabalho produtivo na lavoura e no cuidado com os bichos, de modo a ser subalternizado ou desvalorizado socialmente. Dessa maneira, mulheres rurais além de trabalharem mais horas que os homens da comunidade, por passarem mais tempo executando múltiplos serviços, são ainda menos reconhecidas e têm seu trabalho cada vez mais invisibilizado como trabalho produtivo, gerando-se um ciclo vicioso que as aprisiona sem perspectiva de libertação. Neste sentido, argumenta o artigo de Moraes:

O conceito de “divisão sexual do trabalho” foi consolidado durante o período de industrialização destacando a subestimação das atividades realizadas pelas mulheres na família, consideradas como não trabalho, uma vez que são frequentemente confundidos “produção” com “produção de mercadorias, e “trabalho” com emprego. No caso das mulheres rurais, afirmamos o que se constitui uma dupla invisibilidade do trabalho por se tratar de um processo cotidiano de apagamento da centralidade das tarefas femininas na produção agropecuária considerada frequentemente como “ajuda” ao que se considera como “trabalho de homens na roça”, por meio da subjugação do trabalho doméstico e de cuidados à categoria do não trabalho (Et. Al., 2020, p. 175-176)

Tendo-se como parâmetro o recorte sociológico acima, a poesia de Caitano analisada canta ciente do reconhecimento das árduas horas de trabalho da mulher rural, valorizando a sua presença na vida sertaneja e, portanto, funcionando como contradiscurso ao sexismo local, que se mostra impregnado de visões hierárquicas sobre trabalho e gênero na comunidade do Sertão do Pajeú. Nesta perspectiva, apresentam-se as estrofes finais do cordel da autora, as quais finalizam o texto com a valorização do trabalho da mulher ancestral, a avó, figura de referência para o eu-lírico, que repassa saberes para a manutenção do cuidado com a saúde do corpo feminino:

Catei no pé do lajeiro  
Torceira de alecrim  
Braçada de alfavaca  
Na cerca do bacurim  
Que é para o banho de aceio  
Vovó fazia pra mim.

Estamos do meio pro fim  
Na luta de cada dia  
Vibrando a cada nascente  
Do sol que sempre irradia  
E a vida do sertanejo  
Combina com poesia

Os versos, tal como fica evidente, estampam a ligação entre saber feminino ancestral e popular e o trato com o plantar, o colher das ervas naturais, como “alecrim”, “alfavaca”. Nesse contexto, o verso “vovó fazia pra mim”, sublinha afeto e respeito para com a mulher ancestral e ratifica o “fazer”, “o trabalho” de cuidado que “a mais velha” tem com a “mais nova”, propagando tradições e saberes que manejam entrelaçadamente a natureza e a saúde feminina, como se expressa na menção ao “banho de aceio”. Desse modo, o trabalho da mulher rural é representado por Caitano com valor significativo, com reverência às tradições ancestrais de saberes femininos. Nesse movimento de reverência, a poesia da cordelista pernambucana desconstrói a visão machista hegemônica que desvaloriza o trabalho doméstico e, acaba, por sua vez, em se revertendo em denúncia contra a hierarquia de valores na divisão sexista do trabalho, própria de um capitalismo patriarcal que insiste em confundir trabalho com emprego.

Por fim, ainda quanto à última estrofe do texto acima transcrita, esta vem marcar a despedida do eu-lírico para com seus leitores, coroando a ideia de que todo aquele trabalho ininterrupto desempenhado por essa mulher que canta ao longo do cordel (na cozinha, no curral e na lavoura) é, em si, uma “luta de cada dia”. Trata-se, pois, de uma poesia que representa a mulher rural como dona de um cotidiano árduo, cansativo, de uma rotina desafiante. Contudo, a voz lírica faz brotar desse elemento desafiante intenso encanto poético ao tecer um paradoxo, na medida que aponta que tal “vida do sertanejo” segue “vibrando a cada nascente/ do sol que sempre irradia”. O sol aparece, assim, como uma figura que metaforiza o queimar e o machucar o corpo pelo trabalho ininterrupto, cansativo, e sugere simultaneamente levantar todas as manhãs como uma chama luminosa de poesia que se apresenta para fortificar a mulher sertaneja na sua luta cotidiana. Esta mulher, pela voz do eu-lírico, ao fim do poema, se torna representante protagonista de todos os habitantes do Sertão (sejam estes homens ou mulheres), a partir do momento em que sua vida feminina é equiparada à “vida do sertanejo”, a qual, segundo a cantoria, combina com poesia.

Tem-se, portanto, no cordel analisado, uma representação lírica e reverencial do trabalho da mulher rural a combinar com a poesia da vida de todo sertanejo. Assim, a poesia popular de Jéssica Caitano celebra uma utopia: a quebra do ciclo de desvalorização do trabalho feminino no seio da comunidade rural do Sertão.

### **Considerações finais**

A trajetória da autora de Triunfo pela literatura de Cordel, ao representar as mulheres rurais do modo como o aqui interpretado, reforça as bases de um caminho para novas e diversas imagens das mulheres nos folhetos travadas no século XXI, caso se tenha como referência o estudo de Loureiro (2010). A pesquisadora, ao analisar as representações femininas no cordel, do século XX ao XXI, aponta ter havido significativas mudanças nas maneiras de o sujeito feminino figurar nesse tipo de produção popular, de modo que aquelas tradicionais personagens mulheres que eram, com frequência, representadas no século XX dentro de um binarismo bíblico-cristão estereotipado, ou como “santas” ou como “Evas”, passam a ceder espaço, no século XXI, para outras representações; estas se tornam cada vez mais plurais e mais ligadas a uma gama de diversidade que cabe às mulheres no Sertão e no mundo.

Nesse sentido, a poesia de Caitano aqui analisada se inscreve nessa história de transformações na representação feminina na literatura em folhetos, sublinhada por Loureiro (2020), sobretudo no que se refere à mulher rural e sua importância na comunidade pelo que significa o seu trabalho. A vida “dura” das sertanejas é posta em evidência na arte da autora pernambucana, isto é, é retirada da automatização do olhar cotidiano (CHKLOVSKI, 2013) para que seja notável aquilo que os olhos automatizados pela realidade corriqueira do leitor não enxergam: elas trabalham muito mais horas do que se pensa em termos de senso comum numa cultura de dominação patriarcal, e o valor e a proporção desse trabalho podem e devem ser reconhecidos, tal como é feito pelo eu-lírico do texto.

De que maneira responder como leitor crítico à transgressão operada por Caitano em seu texto parido após décadas de predominância de imagens femininas subalternizadas na tradição do Cordel? Inspirando-se naquilo que diz a própria repentista em seus shows guiados pelo pandeiro entrecortado por batida eletrônica, que juntos chamam dança animada, ao procurar sugerir que o público deve se preparar, porque a “pista vai tremer”, a única expressão que vem à mente é: “Segura, Dona Maria”. E a “Dona Maria” deve se segurar para não se perder no furacão das palavras rimadas, pois, no cordel de Jéssica Caitano, “E a vida do sertanejo combina com poesia”, há vento, ritmo e força da natureza para sacudir todo um sistema patriarcal. Em seu texto, no qual a voz lírica grita pela valorização feminina e pelo reconhecimento do feminino ancestral, as mulheres rurais são protagonistas de uma “outra” colheita do trabalho que executam, do tempo que concedem à comunidade que constroem e da própria história da poesia popular do Alto do Pajeú.

### Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel**: do século XX ao XXI. Recife, 2010. 283 f. Tese (doutorado em Teoria da Literatura) Centro de artes e educação – Universidade Federal de Pernambuco.

BEZERRA, Laeiguea. Jéssica Caitano: arte e resistência na poesia pajezeira. In: **Revista Wordpress**. 24 de maio de 2022. Disponível em: [Jéssica Caitano: arte e resistência na poesia pajezeira – Resista! Observatório de resistências plurais \(wordpress.com\)](https://www.wordpress.com/2022/05/24/jessica-caitano-arte-e-resistencia-na-poesia-pajezeira-resista-observatorio-de-resistencias-plurais/). Acesso em 12 mar 2024.

CAITANO, Jéssica. **E a vida do sertanejo combina com poesia**. Triunfo, PE: Caretas Cartonera, 2020.

CHKLOVSKI, Vitor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan. **Teoria da literatura-textos dos formalistas russos**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 2013, p. 83-108.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996a, 1 v

MORAES, Lorena Lima de, et. Al. Metodologias, trabalho e uso do tempo: compreendendo a rotina de mulheres rurais. In: MELO, Hildete Pereira de; Moraes, Lorena Lima de, (Orgs.). **A arte te tecer o tempo: Perspectivas feministas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.